



Soberania alimentar e cultural: valorização do conhecimento tradicional através do incremento à biodiversidade entre os Kaiowá de Cerroá.

Jerusa Cariaga Alves

Rosa Sebastiana Colman;

Arnulfo Caballero Morínigo¹

1. INTRODUÇÃO

No processo de desenvolvimento na região fronteira do Brasil, o Estado fomenta o deslocamento de pessoas para áreas consideradas devolutas pela união, ignorando a existência e uso dessas áreas por diversos grupos de povos tradicionais.

Com essa estratégia de povoamento adotada pelo Estado, para o então Mato Grosso, inicia-se os processos de expropriação e doação dos territórios tradicionais, levando os indígenas ao confinamento compulsoriamente em áreas demarcadas (ALVES, 2016; PEREIRA, 2007). Neste contexto também podemos encontrar algumas presenças desta comunidade que não vieram para as reservas e muitas famílias foram ficando nos fundos das fazendas e alguns morando nas margens das rodovias é o caso desta comunidade que nos laudos realizadas no ano 2009, que muitas vezes são as últimas famílias de comunidade que foram sendo retiradas aos poucos, como no caso da comunidade de Cerroá, também chamada de Ita Veraá, localizada no município de Guia Lopes da Laguna, da qual o Ministério Público Federal, a FUNASA e a própria

¹ Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá; Faculdade Intercultural FAIND/UFGD; Graduando em Ciências Sociais UFGD.

FUNAI tomaram conhecimento muito recentemente (OLIVEIRA, 2009: PEREIRA 2009). Em outra parte do laudo diz que existem comunidades indígenas que até o ano de 2005 não constavam na relação da FUNAI e da FUNASA. Este é o caso da comunidade Kaiowá de Cerroá, localizada no município de Guia Lopes, na região serrana de Maracaju, bacia do alto curso do rio Paraguai, onde as pessoas vivem como índios de Corredorö, isto é, com assentamentos implantados entre as cercas das fazendas e as margens da rodovia que dá acesso a Jardim e Bonito (OLIVEIRA, 2009: PEREIRA 2009).

Em virtude dos novos donos terras que ali passaram a residir, mudanças na paisagem começam a acontecer. Grandes extensões de matas nativas são eliminadas no intuito de abrir espaço para os cultivos espécies de gramíneas e culturas exóticas. O resultado dessa ação é a redução drástica da biodiversidade da local (recursos naturais) (PEREIRA, 2007; MOTA e PEREIRA, 2012).

O Estado instituiu aos Guarani e Kaiowá uma nova relação espacial com sua territorialidade e em sua sociedade, atitude esta que vai além de restringir a permanência, a mobilidade dos grupos, mas principalmente em relação de usufruto dos recursos naturais e da paisagem (ALVES, 2016).

Segundo Meliá et al (2008) para os indígenas Guarani e Kaiowá o espaço físico onde eles residem não compreende apenas como espaço que garantam a sobrevivência do grupo, mas também lhes permite estar em sintonia outro mundo.

As sociedades Guarani e Kaiowá R-Existem em acampamentos como forma reivindicar a demarcação dos seus territórios tradicionais e implementar atividades produtivas como forma de minimamente garantir alimento nas áreas, a comunidade Cerroá é um exemplo dessa afirmação.

Sem seu território tradicional e por longo período acampados as margens da BR 267 a comunidade Cerroá sofreu com a perda de sua soberania alimentar e entram em profunda vulnerabilidade.

No ano de 2005, após 8 atropelamentos de indígenas, o acampamento Cerroá é transferido para uma área de acordo proveniente de pressão do Ministério Público Federal com o proprietário do local (ALVES, 2016). O acordo permitiu que cerca de 28 famílias, 200 pessoas, vivendo em condições de extrema vulnerabilidade passassem a dispor de um espaço, mesmo pequeno, para construção de suas casas e plantio respectivas roças.

Entretanto, o que se observa em relação a implantação das roças e a recomposição da paisagem é a dificuldade das famílias em acessar espécies que compõem a base alimentar e também tem importância tradicional para realização de ritos e consequentemente fortalecimento da cultura.

O objetivo desse artigo é relatar as atividades de incentivo produtivo e valorização das espécies tradicionais desenvolvidas pela equipe da Rede de Apoio e Incentivo Socioambiental durante a execução do projeto de Acompanhamento às comunidades Kaiowá e Guarani em MS, na comunidade Cerroói, Guia Lopes da Laguna, Mato Grosso do Sul (MS).

2. METODOLOGIA

O trabalho foi desenvolvido na comunidade Cerroói, que abrange área de 22 ha de várzea e reserva legal, localizado no município de Guia Lopes da Laguna MS envolvendo de alguma maneira as 28 famílias que moram na aldeia.

A vigência do projeto ocorreu entre os meses de novembro de 2017 a dezembro de 2018, foi utilizado metodologias mista, que através de reuniões, intercâmbios de experiências de produção agrícola, visitas, oficinas e da participação em feiras de sementes nacionais, estaduais e além de eventos organizados pelos Kaiowa e Guarani em Mato Grosso do Sul e prioritariamente através da distribuição e troca de semente vislumbrou-se aferir maior segurança alimentar ao grupo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para iniciar as atividades na comunidade Cerroói foi articulada uma reunião geral com propósito de apresentar a equipe que estariam desenvolvendo as atividades e ouvir do grupo quais seriam as maiores demandas e anseios da comunidade.

Sendo relatado pelos indígenas que não recebem nenhum tipo de assessoramento técnico em relação as suas atividades produtivas e tão pouco recebiam apoio para o plantio em relação ao recebimento de sementes e insumos.

O critério para a escolha das espécies, cujo cultivo foi estimulado ou retomado, foi definido nesta discussão, com os próprios indígenas. Foi relatado por eles o interesse em cultivar arroz, milho branco, vermelho, ramas de mandioca, e feijões (kumanda).

Muitas dessas espécies são destinadas ao consumo em rituais de grande significância para as comunidades e seu cultivo requer colocar em operação uma série de conhecimentos práticos e rituais de fundamental importância para a produção e fortalecimento dos coletivos. O cultivo de muitas dessas espécies está caindo em desuso e as comunidades atendidas consideram que voltar a plantá-las recupera a autoestima das comunidades, que se sentem mais autônomas e em sintonia com os fundamentos de sua cosmologia.

O período de plantio, kaøroky, se inicia ao final do mês de junho e sua duração segue até o final de outubro. Este período é conhecido como kaøroky (kaø = mato; roky = broto), é o momento da floração e coincide com a primavera.

O plantio praticado nesta época se dá preferencialmente com sementes de milhos, batatas, ramas de mandioca, abóboras, melancia, sementes de feijão, amendoim. Após o período do plantio, os meses de novembro e dezembro, são dedicados aos cuidados com a plantação, como a limpeza dos roçados e o controle de espécies que possam atrapalhar o crescimento das plantas. Historicamente estes controles se davam prioritariamente através de rezas que combatiam a ação de insetos e pragas, entretanto, a proximidade com as cidades e obrigatoriedade das relações com a população não indígena tem dificultado as práticas tradicionais de controles de insetos indesejados e os indígenas precisam buscar novas alternativas para a produção agrícola.

Ao final do mês de novembro e no início do mês de dezembro é conhecido como um tempo em que õjá se possui coisas novasö, pois tanto as espécies cultivadas como as nativas começam a apresentar seus primeiros frutos. A colheita é realizada nos meses de janeiro e fevereiro e vem seguida de uma série de rituais de batismo dos alimentos produzidos, para que a fertilidade não se esgotasse e para que estes alimentos não afetassem a saúde dos homens. Destes rituais, percebemos ser realizado ainda com frequência, em algumas aldeias, o jerosy puku, a festa de batismo do milho saboró branco, também chamado avati kyry. Nos meses que seguiam até a chegada do frio (que purifica a terra para que um outro ciclo se inicie), não eram realizados cultivos, sendo compreendido como um tempo para a recomposição da mata e a recuperação do solo.

Como forma de tentar contemplar as demandas da comunidade articulamos e proporcionamos momentos de visitas e intercâmbios entre diferentes aldeias. São durante esses momentos õparentesõ disponibilizaram a outros grupos sementes e ramas.

A participação em feiras de semente foi também um momento crucial para que acessássemos em quantidade e em diferentes variedades sementes e ramas de interesse dos indígenas.

Embasado no calendário agrícola tradicional, vistas as áreas de produção foram articuladas, nesses momentos eram observados o desenvolvimento das espécies que foram trocadas ou distribuídas em algum momento do projeto.

Quando se discute no fortalecimento de redes de trocas de material propagativo, a dificuldade de deslocamento entre uma comunidade a outra pode ser observada como um enfraquecimento elo dessa ação.

Outro ponto a se ressaltar é que a pressão de pragas e insetos ao entorno das áreas indígenas dificulta a manutenção dos bancos de material propagativo, reduzindo sistematicamente a capacidade de soberania alimentar das comunidades. Um desafio no processo produtivo que deve ter ações sistêmicas para manutenção produtiva. Alimentar os corpos é fundamental, mas ações que apoiem fortalecimento da cultural é uma responsabilidade da sociedade que ocasionou toda mudança nos sistemas produtivos de uma sociedade tradicional.

As ações de aproximação ó transporte efetivamente, como a proposta viabiliza o transporte de material de uma comunidade a outra e insere novamente espécies de interesse pelos indígenas, tanto para serem usados na alimentação como em ritos tradicionais.

As roças, antes do acompanhamento e apoio da equipe, possuíam de 2 a 3 diferentes espécies (em mandioca e abóbora) passaram a ser compostas todas mais de 10 espécies relatadas de interesse pela comunidade e também por outras proveniente de trocas entre a parentela e de feiras ou visitas. Também se viabilizou algumas ferramentas para auxiliar durante o processo de cultivo, como enxada, lima e rastelo.

Atualmente as roças da comunidade Cerroã possuem urucum, cabaças, abóbora, amendoim -branco e vermelhinho, milho ó cateto, vermelho e branco/avati puku avati morot e com o avati puku, feijões - kumanda paraã e kumanda pytãã e ramas - saøju, karape, de ceda e takuara.

Esse resultado é reflexo do interesse do grupo em diversificar sua dieta nutricional.

Refletindo positivamente no incremento e diversidade produtiva nas roças familiares; aumentando o banco de sementes na comunidade Cerroá o que permite maior disponibilização de sementes a comunidade e doação de excedentes á outras comunidades.

Em virtude de voltar a produção de algumas variedades de milho a comunidade Cerroá e outras comunidades assistidas pelo projeto, não descritas nesse texto, participaram batismo do milho (*jerosy puku*) voltando a serem protagonista do ritual.

Essa ação pode ser qualificada como o ápice do projeto, o apoio a produção possibilitou as comunidades levarem consigo sementes que antes não possuíam em seus roçados ao ritual batismo do milho (*jerosy puku*) que aconteceu em Guyra Kambiöy, município de Douradina (MS).

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, J.C. Mapeamento das potencialidades produtivas em áreas de acampamentos e Terras indígenas sob Jurisprudência da Coordenação Regional da Funai de Dourados ó MS. 2016 (Relatório Técnico ó CRD Dourados).

MELIÁ, B.; GRUNBERG, G.; GRUNBERG, F. Los Pai-Tavytera ó Etnografía Guaraní del Paraguay Contemporáneo (2ª ed.).. Asunción: Ceaduc, 2008.

MOTA, J. G. B.; PEREIRA, L. M. O movimento étnico ó Socioterritorial Guarani e Kaiowá em Mato Grosso do Sul: Atuação do estado, impasses e dilemas para a demarcação de Terras Indígenas. Boletim DATALUTA, out 2012. Disponível em:http://www2.fct.unesp.br/nera/artigodomes/10artigodomes_2012.pdf. Acesso em:10 abr de 2015.

OLIVEIRA, Jorge Eremites de, PEREIRA, Levi Marques. Ñande Ru Marangatu: laudo antropológico e histórico sobre uma terra kaiowa na fronteira do brasil com o paraguai, Município de Antônio João, Mato grosso do Sul. Editora UFGD, 2009. Disponível em: <http://files.ufgd.edu.br/arquivos/arquivos/78/EDITORA/catalogo/nande-ru-marangatu-laudo-antropologico-e-historico-sobre-uma-terra-kaiowa-na-fronteira-do-brasil-com-o-paraguai-municipio-de-antonio-joao-mato-grosso-do-sul.pdf>.

PEREIRA, L. M. Mobilidade e processos de territorialização entre os Kaiowá atuais. Revista História em Reflexão, n. 1, v. 1, 2007.

Fotos



Entrega de sementes

Foto Tatiane Klein



Plantação de feijão e de mandioca.

Foto Arnulfo Morínigo



Foto Arnulfo Morínigo



Foto Tatiane Klein